

- 11) Ver, neste número, o *Documento "tradução antipatriarcal da Bíblia"*, traduzido da Revista Bíblica Argentina 1987/1, p. 53-55.
- 12) Por que não acrescentar que, apesar da sua proeminência em relação aos do AT (Cf. DV n. 17), também os livros do NT contêm coisas "imperfeitas e transitórias" a nível da expressão humana da fé, mesmo que essa expressão seja "canônica", isto é, reconhecida como inspirada?
- 13) Princípio revolucionário ou, melhor dizendo, restaurador, porque restabelece, no Cristo, a unidade "do princípio", apresentada em Gn 1,26-28.

Endereço do Autor:
Instituto Teológico de Santa Catarina
Caixa postal 5041
88041 — Florianópolis — SC

A MULHER NA ERA PÓS-APOSTÓLICA

Breves reflexões a partir da 1: Clem aos Coríntios

Marta R. Sarasola de Ramada y Galán
Professora de Exegese
Daniel Ramada y Galán
Professor de Hist. da Igreja

Apenas começamos a refletir sobre a situação e a valorização da mulher na igreja pós-apostólica, surge uma pergunta prévia, anterior a todo discurso ou pesquisa que possamos desenvolver, a saber: que utilidade pode ter para nós, pessoas do século XX, saber o que pensavam aqueles homens da idade pós-apostólica sobre o papel e a função da mulher na Igreja e no mundo que lhes era contemporâneo? Em outras palavras: num mundo complexo e diversificado como o de hoje, tem sentido — fora do que poderia ser o âmbito da mera curiosidade ou interesse de erudição — buscar luz para nossa tarefa atual numa antiguidade remota cujos modelos de civilização parecem definitivamente deixados para trás? É uma pergunta importante, e não devemos escapar dela só por ser complexa e difícil de responder. Convém, pois, passar em revista as principais objeções que honestamente todo leitor tem o direito de formular. Vejamo-las.

a. O mundo semítico e o mundo greco-romano não têm nada a ver com o nosso mundo, da civilização chamada ocidental. Pois o nosso é um mundo secularizado, tecnológico, e em busca de espaços cada vez maiores de liberdade, de igualdade e de justiça. Assim, a mulher de hoje pode beneficiar-se muito pouco com as opiniões ou juízos que suas homônimas mereceram num ambiente radicalmente diferente, tanto mais quanto a situação delas era muito menos proveitosa, precisamente pela diversa valorização que ambos esses universos fazem da condição feminina.

b. A doutrina dos Padres Apostólicos, por venerável que possa ser, não é normativa, isto é, não encerra valor semelhante ao da revelação que, paradoxalmente, ao menos em seu último estágio, coincide cronologicamente com a época em que se situa nosso autor. Pode então objetar-se, com legítimo direito, que as apreciações, teologias ou práticas dos Padres Apostólicos já não são relevantes frente à busca de uma Igreja que se defronta com novos tempos.

c. Por último, aqueles que tenham conhecimento, mesmo se sumário, dos Padres Apostólicos, concordarão que, nos textos que chegaram até nós, pouco se fala da condição feminina ou das mulheres que historicamente conviveram com eles. Em sua problemática — heterogênea e desigual — o problema do papel da mulher na Igreja não está quase nunca explicitamente colocado. Talvez, precisamente, porque não parece ter constituído um "problema".

Contrariamente ao que geralmente se faz, ou parece que deveria fazer-se, não vamos responder agora a essas interrogações ou dúvidas. Deixá-las-emos em suspenso, para tratar de resolvê-las no final de nossa breve pesquisa.

Se, apesar destas observações, o leitor mesmo assim tiver coragem de acompanhar nossas reflexões, poderá aproximar-se agora do universo de um "Padre" de cuja obra se pode extrair certas informações sobre o assunto que nos ocupa: Clemente Romano.

Clemente Romano e sua "Carta aos Coríntios"⁽¹⁾

Nos últimos anos do século I (95-98), um personagem que parece gozar de grande autoridade moral escreve em nome da "assembléia que vive como estrangeira em Roma" à "assembléia que vive como estrangeira em Corinto", para tentar pôr fim a uma questão relacionada com o exercício da autoridade ministerial. Embora a finalidade do escrito seja bem precisa — e totalmente alheia ao nosso tema — o autor se preocupa em fundamentar amplamente seus argumentos, aludindo constantemente a situações e doutrinas familiares ao seu auditório. Graças à referida loquacidade, o nosso texto permite vislumbrar alguma coisa sobre a situação das mulheres nesse ambiente.

A situação da comunidade de Corinto era tensa e polarizada por rivalidades pessoais (Cf. 1,1). O autor, para fundamentar sua exortação, recorda aos destinatários que, pouco tempo atrás, eles viviam em paz e harmonia. E um dos exemplos que apresenta é este:

"... recomendáveis a vossas mulheres que cumprissem todos os seus deveres com uma consciência irrepreensível, digna e pura, amando a seus maridos como é devido. Elas guardavam a regra da submissão e vós lhes ensináveis a conduzir sua casa dignamente e a observar em todo momento a discrição." (1,3)

Mais adiante, em 21, 6-7 encontramos:

"... dirijamos nossas mulheres pelo reto caminho do bem. Que elas manifestem o amável costume de sua castidade e dêem prova de uma sincera vontade de mansidão, e tornem patente com o seu silêncio a moderação de sua língua. Que não pratiquem a caridade (apenas) parcialmente mas na santidade, (isto é) com equidade em relação a todos os que temem a Deus".

Destes dois textos pode-se tirar muita coisa.

a. A "regra de submissão"

Em primeiro lugar, a recomendação romana parece indicar que a "regra de submissão" das mulheres a seus maridos, pregada por Paulo (Cf. Tt 2,16; 1Tm 2,9; 3,11), já começava a ser doutrina recebida, ao menos no ambiente clementino, e era prática corrente em Corinto. Com efeito, quando o autor contrapõe àquela conduta anterior dos coríntios a indisciplina atual, menciona todas as situações já analisadas — débeis contra valorosos, obscuros contra ilustres, insensatos contra sensatos, jovens contra anciãos — porém nada diz de mulheres contra maridos. Parece, portanto, dado o paralelismo, um silêncio eloquente: apesar do conflito, as mulheres casadas não se haviam rebelado contra seus maridos, ao menos as que haviam permanecido em casa. Entretanto, a estabilidade matrimonial não está infalivelmente garantida em Corinto porque Clemente, criticando a inveja e os ciúmes, anota em 6,3 que, por causa desses sentimentos, "afastaram-se as casadas de seus maridos, contradizendo... a palavra de Adão..." Resumindo, na circunstância particular não há insubordinação feminina, porém o fenômeno do abandono do lar por iniciativa da esposa também existe.

b. A mulher em casa

O lugar convencional da mulher é o de dona de casa, traço comum à cultura tanto semítica quanto greco-romana. Nenhuma novidade a anotar, pois, nesse campo.

c. Discrição e silêncio

Mais interessantes são as frases relativas à discrição, ao silêncio e à moderação da língua. As mulheres dos coríntios observavam

em todo momento a discrição, porém agora se lhes recomenda que guardem silêncio. . .

Cabe perguntar se é um conselho preciso frente ao conflito que divide a comunidade ("não avivar o fogo"), ou uma recomendação mais global e permanente. Infelizmente para a sensibilidade do nosso tempo, seguindo o contexto, parece que a segunda opção é a que se impõe: é aconselhável que as mulheres aprendam a praticar o silêncio como virtude.

d. Castidade

Finalmente, podemos deter-nos também na recomendação da castidade. No caso concreto, não há elementos para supor que seja um conselho dirigido a renunciar à vida matrimonial — como em certas passagens de Paulo — senão que Clemente se refere à fidelidade no interior do casamento.

A mulher em Clemente

A partir das passagens vistas podemos entrever que, no universo clementino, o papel da mulher não é distinto daquele que a sociedade do seu tempo atribuiu à condição feminina. Assim, Clemente não é um antecipado profeta do feminismo nem um antecessor dos lutadores em prol da libertação da mulher. Entretanto, seria igualmente injusto supor em Clemente tendências paleofalocráticas ou misóginas. Com efeito, mesmo se deixa transparecer as idéias convencionais em seu tempo sem questioná-las (o contrário seria impensável), a Carta concede à mulher um lugar destacado, tanto na história da salvação como nas lutas contemporâneas ao autor. Vejamos os argumentos concretos que fundamentam nossa afirmação:

a. Quando tem que aduzir exemplos de santidade ou de liderança carismática do povo, Clemente não se limita às figuras masculinas, como é a prática habitual nos autores da época. Pelo contrário, ele compraz-se em detalhar especificamente o papel protagônico de várias mulheres:

— ao lado de Aarão menciona explicitamente Myriam (cf 4,11), cuja presença nada acrescenta ao argumento, já que a figura central do relato bíblico é Aarão.

— Rahab, a prostituta, é realçada por sua coragem (cf 12,1-8). Clemente, por sua conta, lhe adjudica o papel de "profetisa do Cristo", alheio à Escritura.

— Judite e Estêr são apresentadas em pé de igualdade com outros líderes religiosos do passado israelita, porque se expuseram ao risco de vida por amor a seu povo (cf. 55,3-6). O papel protagônico dessas mulheres na gesta israelita está confirmado pelo próprio Deus, o qual, segundo a argumentação de Clemente, as transforma em exemplo para todas as épocas.

b. O lugar privilegiado que Clemente atribui a certas mulheres não se circunscreve ao passado histórico, mas se prolonga nos exemplos contemporâneos. Assim, ao lado da menção dos mártires, recorda também, igualmente de modo expresso, o heroísmo de todas aquelas mulheres, moças e meninas que, apesar da vulnerabilidade de seus corpos, enfrentaram sem vacilar a perseguição e a morte.

Conclusões

Estamos agora em melhores condições de retomar nossas inquietações preliminares.

não conseguiu desligar a idéia da condição feminina do conjunto dos papéis concretos que a cultura ambiente lhe apresentava como "natural" ou essencialmente correspondente à referida condição.

a. O exemplo da Carta aos Coríntios mostra que o cristianismo² da geração clementina teve uma atitude matizada a respeito

da condição feminina. Em primeiro lugar, aceitou os modelos sociais e familiares que se apresentavam ao seu redor sem criticá-los em profundidade. Nesse sentido, não conseguiu desligar a idéia da condição feminina do conjunto dos papéis concretos que a cultura ambiente lhe apresentava como "natural" ou essencialmente correspondente à referida condição. Desse modo, a idéia de feminilidade permaneceu encerrada dentro das estreitas margens que o modelo social da época atribuía convencionalmente à mulher. Essa redução pode explicar-se pelo fato de que ambos os tópicos — ideal e modelo social — ainda estavam muito fortemente associados, sem que o fermento próprio do cristianismo pudesse dissolver tal associação³. Em contrapartida, a Carta não rechaça nem condena como aberrantes os casos concretos de mulheres que, por causa de uma vocação ou ideal, romperam expressamente com aqueles modelos.

b. Que valor têm para nós, hoje, as doutrinas da Carta? — A Igreja, ao lado da Sagrada Escritura respeita e venera a Tradição como instrumento indispensável para atualizar, em cada situação e em cada circunstância, o alcance da revolução. A literatura dos Padres Apostólicos constitui um testemunho altamente qualificado dessa Tradição. Pois bem. Em nosso caso, esse apelar para a Tradição não quer dizer tomar como "quase reveladas" (idéia da "fonte complementar") as afirmações da Carta, senão observar através dela o modo como os cristãos da geração clementina intentaram atualizar e dar vida concreta aos valores evangélicos, resolvendo os conflitos específicos nos quais estava envolvida a condição feminina. Não se trata de pedir-lhes fórmulas — inclusive doutrinárias — para aplicá-las aos nossos conflitos de hoje, mas sim de observar suas pautas de conduta e suas atitudes para descobrir por detrás delas os valores que fundam e explicam a racionalidade de suas afirmações.

Vistas desde esse ponto de vista, as escassas apreciações circunstanciais que Clemente formula, sobre o tema da mulher na Igreja e na sociedade, começam a tomar um colorido muito mais rico.

c. Por último, se comparamos as passagens de Clemente com o Novo Testamento, vemos ao menos dois elementos dignos de destaque: 1. O cristianismo primitivo não conseguiu levar até as últimas consequências no plano doutrinário aquilo que em Jesus aparece, mais do que como doutrina explícita, como postura consciente em relação às mulheres do seu tempo. Como é sabido, aceitando mulheres no seu discipulado — Cf. Lc 8, 1-3 e, também em Lucas, 10,38-42, o episódio de Marta e Maria — Jesus distanciou-se radicalmente tanto das regras rabínicas como dos papéis habituais que o modelo de sociedade israelita reservava à mulher⁴.

2. Inversamente, as colocações clementinas implicam um avanço considerável em relação a certas afirmações de Paulo, nas quais este ainda deixa transparecer com força os limites de sua formação rabínica. Diversamente de Clemente, outros autores, particularmente na Idade Média, converterão essas afirmações de Paulo praticamente em doutrina única.

NOTAS

- 1) Seria mais exato dizer "Carta da Igreja de Roma à de Corinto", documento que a tradição atribuiu a Clemente Romano.
- 2) Neste caso concreto deveria falar-se do "judeo-cristianismo" da geração de Clemente, e não de "cristianismo". É isto porque, na época que nos ocupa, a Igreja de Roma não parece estar plenamente diferenciada da Sinagoga.
- 3) Do mesmo modo que hoje, por exemplo, a idéia de pessoa está associada — por causa do lugar geográfico de nascimento — à idéia de "nacionalidade", sem que nenhum cristão se escandalize com o fato de que a "condição-de-seres-com-nacionalidade" implica necessariamente uma discriminação e uma limitação dos direitos. Quem sabe as gerações futuras nos julguem com a mesma dureza como nós agora julgamos o cristianismo primitivo por não ter sabido desligar a tempo a idéia social de ser-escravo da condição natural de ser-pessoa.

4) Sobre o tema das atitudes de Jesus em relação às mulheres do seu tempo nos propomos publicar um artigo proximamente.

Endereço dos autores: Instituto Teológico de Santa Catarina
Caixa Postal 5.041
88041 — Florianópolis

O MINISTÉRIO DA MULHER NA IGREJA

Pe. Valter Maurício Goedert — Professor de Liturgia

Na sociedade moderna, a mulher sente, sempre mais profundamente, a necessidade e o desejo de se libertar, de traçar seu próprio caminho, de ser protagonista da sua história.

Nessa luta pela própria emancipação, a mulher já alcançou expressivas vitórias. René Van Eyden sintetiza os principais aspectos dessa conquista: "Em muitos países, conseguiu-se, mais ou menos, uma equiparação na legislação: a obtenção do direito do voto foi o primeiro passo. O ensino tornou-se, em todos os seus ramos, igualmente acessível a rapazes e moças. . . A mulher conseguiu acesso aos cargos públicos e a toda espécie de funções na sociedade. Em medida crescente, encontramos mulheres que trabalham fora do lar: nova possibilidade para o seu próprio desenvolvimento. Nas relações conjugais entre marido e mulher, e no lar, a instituição paternalista cede lugar a uma certa parceria. O artigo da lei que determina que o homem é o chefe da família já foi supresso, em muitos países. Um fato que nos últimos tempos modificou extraordinariamente a vida da mulher é a possibilidade de ela, conscientemente, regular a concepção. . . Não obstante esse impressionante progresso, existe ainda, na prática, muita desigualdade, e continua a haver resistências racionais e, sobretudo, emotivas"⁽¹⁾.

O mesmo ocorre em relação à Igreja. A mulher foi sempre mais tomando consciência de um certo machismo no seio da própria religião católica, e de que os argumentos teológicos que lhe serviam de base iam perdendo consistência. A partir disso, para muitas mulheres tornou-se uma questão de honra derrubar também esse preconceito, ainda mais grave e desafiador por se tratar de uma práxis religiosa, numa comunidade onde todos deveriam gozar dos mesmos direitos, uma vez que têm em comum os principais deveres.

A mulher na Igreja Primitiva

Nos Evangelhos, as mulheres aparecem no seguimento de Cristo e a seu serviço (Mc 5,25-34; 10,42-45; 15,49; Lc 8,2-8; 22,25-27; 23,55; 24,1-8), permanecendo-lhe fiéis no desenrolar de Sua missão. Entre o homem e a mulher há uma igualdade fundamental de pertença a Cristo através do batismo (Gl 3,28). Como os homens, igualmente as mulheres são chamadas à santidade (Rm 10,12; 1 Cor 12, 13; Cl 3,11; Ef 4,24).

Já na era apostólica, particularmente na vida de Paulo, as mulheres exercem diversas funções (Rm 16,1; 1 Cor 11,5; At 21,9; 1 Cor 14,34-35; 1 Tm 3,11-15). Na Igreja primitiva, continuam presentes e atuantes como ministras, profetisas e líderes. Enzo Lodi observa que também entre elas havia algumas que exerciam um ministério leigo (Priscila), enquanto outras eram constituídas em ordens (viúvas, virgens, diaconisas).

No Oriente, na época bizantina, as diaconisas tinham um ritual de ordenação paralelo àquele dos diáconos. Assim, temos três formas de ministérios femininos: laical, clerical e religioso⁽²⁾.

As primeiras funções por elas exercidas correspondiam à tríplíce missão da Igreja: profética, sacerdotal e servidora. Cobia às

mulheres: colaborar no anúncio do Evangelho aos pagãos (dimensão missionária); participar na preparação do batismo, através do catecumenato (diaconisas): uma espécie de direção espiritual; assistir os bispos durante o batismo das mulheres (unção pré-baptismal, revestimento com a veste branca); acolher e supervisionar o grupo das mulheres; orientar os movimentos da assembleia, particularmente no abraço da paz; trazer o cálice para o altar e derramar o vinho, como ainda comungar do cálice; na ausência dos presbíteros e dos diáconos, cobia às diaconisas, nas assembleias monásticas, subir ao púlpito, incensar o livro e as irmãs, ler o Evangelho, distribuir a comunhão para as mulheres e crianças; no campo assistencial, cuidar das mulheres enfermas. Nem mesmo faltava o gesto da imposição das mãos, que podia perfeitamente corresponder ao gesto sacramental da unção dos enfermos.

Na época dos Santos Padres, embora não se possam tirar conclusões mais precisas, as mulheres exerciam funções importantes e ocupavam lugar de destaque na comunidade cristã, desde o carisma da profecia até a assistência pastoral, em geral.

O "diaconato feminino" surgiu, com clareza, no século III. No século IV, foi incluído na ordem clerical.

O "diaconato feminino" surgiu, com clareza, no século III. No século IV, foi incluído na ordem clerical. A ordem das viúvas não consistia em uma função, mas em um estado de vida. Esses fatos confirmam que, do ponto de vista teológico, é possível conferir às mulheres um ministério do tipo diaconal.

Em relação ao ministério presbiteral, há necessidade de maior aprofundamento, dado que a problemática é bem mais complexa. Algumas perguntas não estão ainda suficientemente claras: a questão do presbiterato para as mulheres é apenas de "jus ecclesiacium" ou, também, de "jus divinum"? Os antigos ecclésiásticos ainda válidos? Existem, de fato, razões essenciais que impeçam o presbiterato a mulheres? Os estudos de Haye Van der Meer sobre os textos antigos permitem concluir que o impedimento em relação ao sacerdócio da mulher era válido para o passado; não é seguro, porém, do ponto de vista teológico, que seja aplicável ao nosso tempo⁽³⁾.

Mais prováveis parecem os argumentos de ordem teológico-bíblica em favor do "sacerdócio masculino" (esposo da Igreja, geração da vida da graça. Maria não-sacerdote e a prática da Igreja primitiva). Para Rahner, este último argumento parecia mais consistente. J. Galot, por sua vez, pretende demonstrar que é vontade do próprio Cristo excluir as mulheres do sacerdócio ministerial: de acordo com o costume judaico, afirma Galot, Jesus poderia ter convidado para a Última Ceia mulheres e crianças e, no entanto, não o fez. Convidou somente os Apóstolos⁽⁴⁾.

Já na Igreja primitiva, no entanto, o processo de institucionalização e clericalização dos ministérios atingiu também o ministério da mulher. Do fato, se passou ao direito: o caráter masculino do ministério foi se impondo. A partir de então, somente aos homens cobia o ministério ordenado na Igreja.

A abertura pós-conciliar

O Concílio Vaticano II abriu novas perspectivas em relação ao ministério da mulher, não tanto nos documentos que produziu, quanto na nova consciência que despertou (a dimensão de Igreja como povo de Deus, a igualdade fundamental de todo o povo de Deus, o sacerdócio comum dos fiéis, a Igreja como comunidade de culto, a diversificação dos ministérios e seu exercício colegial). Desta forma, as mulheres começam a ser admitidas nos círculos onde se elabora a teologia. Vão desaparecendo as expressões que implicam em discriminação da mulher.

Na edição especial do "Santuário de Aparecida" (de 3/12/1986) que aborda o tema "Os leigos na Igreja e no mundo", ao falarem